

A insustentabilidade humana e o desenvolvimento sustentável

Paulo Libardoni¹
Rodrigo Atkinson²
Sílvia Maurer³

Resumo

Qual o futuro de nosso planeta? Quem é o grande responsável pela degradação que ocorre com nossa natureza? Como resolver o problema mundial? Muitas destas perguntas continuam intrigando a todos. Muitas delas já formularam teorias, muitas já foram discutidas. E qual o papel do homem neste processo? O homem em si é sustentável? Analisando os novos paradigmas e a complexidade atual de nosso sistema muitas destas questões surgem e vagam com variadas respostas. Essas respostas muitas vezes não estão longe, às vezes basta buscar dentro de cada um. Se isso acontecer, aí sim, teremos um desenvolvimento sustentável.

Palavras-chave - Desenvolvimento Sustentável, Degradação, Meio Ambiente, Insustentabilidade.

Abstract

Which is the future of our planet? Who is the great responsible for the degradation that occurs in nature? How to decide the world-wide problem? Many of these questions continue intriguing us all. Many of them already had formulated theories, many already had been argued. Which is the paper of man in this process? Is man sustainable? Analyzing the new paradigms and the current complexity of our system, many of these questions appear and become vacant, with varied answers. These answers many times are not far. It is enough to search inside of each one. If this is to happen, yes, then a sustainable development may result.

Keywords - Sustainable development, Degradation, Environment, Insustentabilidade.

1 - Introdução

O atual modelo de crescimento econômico gerou enormes desequilíbrios em nosso planeta.

Se por um lado nunca houve tanta riqueza e fartura no mundo, por outro lado, a miséria, a degradação ambiental e a poluição aumentam de forma descontrolada.

Diante desta constatação, surge a idéia do Desenvolvimento Sustentável, buscando conciliar o desenvolvimento econômico com a preservação ambiental e, buscando ainda, o fim dos descontroles sociais no mundo.

A Agenda 21 Brasileira representa, através de uma frase, o que deseja para o futuro: “A humanidade de hoje tem a habilidade de desenvolver-se de uma forma sustentável, entretanto é preciso garantir as necessidades do presente sem comprometer as habilidades das futuras gerações em encontrar suas próprias necessidades”.

Mas como conseguir o equilíbrio entre tecnologia e ambiente, relevando-se os diversos grupos sociais de uma nação e também dos diferentes países na busca da equidade e justiça social se o homem não possui sustentabilidade?

Para alcançarmos o desenvolvimento sustentável, a proteção do ambiente tem que ser entendida como parte integrante do processo de desenvolvimento e não pode ser considerada isoladamente. Mas o mais importante de tudo é que o homem esteja engajado neste propósito.

Em busca do Desenvolvimento Sustentável

O desenvolvimento sustentável é um dos mais importantes ideais de nossa época, causando expressiva atenção por exprimir desejos coletivos da humanidade, juntamente com outros valores como a paz, igualdade, democracia e liberdade.

Conceituá-lo, certamente, seria ambicioso de nossa parte, por ainda representar um tema obscuro e incerto (Veiga, 2005) mas, para início deste estudo, seria interessante destacar algumas informações que nos fazem compreender melhor este tema, como o que se entende por desenvolvimento, por sustentabilidade e, logo, por desenvolvimento sustentável.

1 Graduado em Administração. Mestrado em Desenvolvimento - Universidade Regional do Nordeste do Estado do RS. Ijuí - RS -Brasil

2 Graduado em Informática - Mestrado em desenvolvimento- UNIJUI - RS - atkinson@unijui.tche.br

3 Graduado em Ciências Contábeis - Mestrado em Desenvolvimento - Ijuí-RS - silvia@netface.com.br

O desenvolvimento sustentável, de acordo com Veiga (2005), vem anunciar a utopia que tornará o lugar do socialismo já que o debate entre um futuro não-capitalista e socialista, neste milênio, tem se revelado não muito importante.

Neste sentido, o autor aborda três concepções conflitantes sobre desenvolvimento.

A primeira delas é o desenvolvimento como crescimento econômico, surgido pelo intenso crescimento econômico ocorrido na década de 50 nos países semi-industrializados e que não explicava o acesso aos bens materiais e culturais pelas populações menos favorecidas.

A segunda abordagem do autor se refere ao desenvolvimento como quimera (ilusão ou mito), já que seria altamente improvável a mobilidade ascendente dos países, em maioria, mais pobres, na hierarquia capitalista mundial, formada por um pequeno núcleo de países centrais.

A terceira abordagem de Veiga (2005) indica uma virose dupla, considerando o desenvolvimento nem econômico nem quimérico, ou seja, é necessário que se alcance um equilíbrio entre o crescimento da população e o de recursos vitais (alimentos, energia, água) como forma de viabilizar o processo de modernização.

Tendo esta última abordagem como fonte inspiradora para enunciar o que seja desenvolvimento, Veiga o define assim:

O desenvolvimento tem a ver, primeiro e acima de tudo, com a possibilidade de as pessoas viverem o tipo de vida que escolheram, e com a provisão dos instrumentos e das oportunidades para fazerem as suas escolhas. (...) Vai desde a proteção dos direitos humanos até o aprofundamento da democracia. (Veiga, 2005, p. 81)

Corroborando com Veiga, Furtado sintetiza o que é desenvolvimento:

“...o desenvolvimento se caracteriza pelo seu projeto social subjacente. Dispor de recursos para investir está longe de ser condição suficiente para preparar um melhor futuro para a massa da população”. (Furtado, 2004, p. 484)

Assim, o desenvolvimento se caracteriza pelo seu projeto social implícito, ou seja, quando o projeto social prioriza a melhoria das condições de vida da população, o crescimento se transforma em desenvolvimento.

Sen e Mahbud apud Veiga (2005, p. 85) destacam que o desenvolvimento só acontece quando os benefícios do crescimento favorecem a ampliação das capacidades humanas como ter uma vida longa e saudável. Destaca também as condições de ser instruído, ter acesso aos recursos necessários a um nível de vida digno e ser capaz de participar da vida da comunidade, além das pessoas serem livres para exercerem suas escolhas e decisões para a garantia de um mundo mais sustentável.

Assim, o desenvolvimento está intimamente ligado à sustentabilidade, onde esta se encontra na relação entre o ser humano e a natureza, além da relação dos aspectos econômicos, sociais, culturais e ambientais da sociedade humana. A sustentabilidade “precisa levar em consideração fatores sociais, ecológicos, assim como os econômicos; as bases dos recursos vivos e não vivos; as vantagens e desvantagens das ações, alternativas a longo e curto prazo” (Stake, 1991).

De acordo com Thomas (2006), três fatores interligados determinarão a sustentabilidade dos países ou regiões: a competitividade, a inclusão social e a sustentabilidade ambiental.

O fator da competitividade se refere às reformas em procedimentos e regras burocráticas de forma a garantir o crescimento econômico. Do lado social é preciso incluir a população mais carente nos processos de reformas e políticas públicas. Do lado ambiental, a sustentabilidade se refere ao manejo sustentável dos recursos naturais de modo a garantir esses para as futuras gerações.

Para o relatório de Brundtland, elaborado pela Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, criada pelas Nações Unidas em 1987 (Noruega) sustentabilidade é “suprir as necessidades da geração presente sem afetar a habilidade das gerações futuras de suprir as suas”.

Levando essa definição como pressuposto, a sustentabilidade abrange desde ações locais como globais com o objetivo de configurar as atividades humanas de forma a suprir as necessidades da sociedade e de seus membros no presente. Preza garantir a preservação da biodiversidade e dos ecossistemas naturais para o futuro de forma sensata e equilibrada, praticando ações ecologicamente corretas, economicamente viáveis, socialmente justas e culturalmente aceitas.

A Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (1991) destaca que o principal objetivo do desenvolvimento é satisfazer as necessidades e aspirações humanas. Além das necessidades básicas, a busca por uma melhor qualidade de vida provoca alguns tipos de conflitos, principalmente ecológicos, pois um desenvolvimento justo depende de um manejo sustentável dos recursos naturais, já que esses contribuem, significativamente, para a renda dos mais necessitados.

Assim, o desenvolvimento sustentável tem como essência o processo de transformação da exploração dos recursos, dos investimentos, do desenvolvimento tecnológico e das mudanças institucionais.

Como desenvolvimento sustentável, Stake (1991, p. 9), considera que precisam ser levados em conta os “fatores sociais, ecológicos, assim como econômicos; as bases dos recursos vivos e não vivos; as vantagens e desvantagens de ações; alternativas a longo e curto prazo”.

Os principais objetivos do desenvolvimento sustentável que Stake (1991) destaca são os objetivos sociais, que compreendem a moradia, educação, lazer e saúde; os objetivos econômicos que se referem à produção, ao acesso aos bens de consumo e emprego; e os objetivos ecológicos que compreendem a preservação do meio ambiente.

O Ambiente Brasil (2006) descreve que o ‘desenvolvimento sustentável’ se refere às “práticas de desenvolvimento que atendem as necessidades presentes sem comprometer as condições de sustentabilidade das gerações futuras”, e também acredita que o mesmo deve promover a harmonia entre os seres humanos e a natureza por meio da atuação do sistema político, econômico, social, de produção, tecnológico, internacional e administrativo.

Para que se alcance o desenvolvimento sustentável, uma série de medidas propostas pelo Relatório da Comissão Brundtland deve ser tomada, como: limitar o crescimento populacional; garantir, a longo prazo, recursos como água, alimento e energia; preservar a biodiversidade; diminuir o consumo de energia; desenvolver tecnologia com uso de energia renovável; adaptar a produção industrial com tecnologia ecologicamente correta; atender as necessidades básicas como saúde, escola e moradia e adotar, em âmbito internacional, estratégias de proteção dos ecossistemas.

Tais estratégias são imprescindíveis, pois o atual modelo de crescimento econômico está gerando desequilíbrios irreparáveis, aumentando a miséria, a poluição e a degradação ambiental.

Neste contexto, o processo de crescimento econômico não deve ser confundido com o de desenvolvimento, o qual o Ambiente Brasil diferencia:

a diferença é que o crescimento não conduz automaticamente à igualdade nem à justiça sociais, pois não leva em consideração nenhum outro aspecto da qualidade de vida a não ser o acúmulo de riquezas, que se faz nas mãos apenas de alguns indivíduos da população. O desenvolvimento, por sua vez, preocupa-se com a geração de riquezas sim, mas tem o objetivo de distribuí-las, de melhorar a qualidade de vida de toda a população, levando em consideração, portanto, a qualidade ambiental do planeta. (Ambiente Brasil, 2006)

Segundo Donaire (1999), o desenvolvimento sustentável prevê ainda um desenvolvimento econômico onde a exploração dos recursos naturais esteja em equilíbrio com a natureza e os investimentos financeiros e processos tecnológicos busquem um benefício social mais justo e de acordo com os princípios de um desenvolvimento mais sustentável.

De acordo com Sachs apud CAMPOS (2001), existem cinco dimensões para se alcançar o desenvolvimento sustentável: a sustentabilidade social, que visa um processo de distribuição de renda e bens mais justa; a sustentabilidade econômica, que deve ser alcançada pelo gerenciamento e alocação dos investimentos públicos e privados; a

sustentabilidade ecológica, alcançada através da redução do uso e preservação dos recursos facilmente esgotáveis e pela utilização dos recursos renováveis; a sustentabilidade espacial, relacionada a uma distribuição territorial e das atividades econômicas de maneira equilibrada; e a sustentabilidade cultural, que busca processos de modernização de sistemas que facilitem a geração de soluções inteligentes para o local, o ecossistema, a cultura e a área.

Segundo Almeida (2002), a idéia do desenvolvimento sustentável é de integração e interação que, baseada no diálogo entre saberes e conhecimentos diversos, se propõe uma nova maneira de olhar e transformar o mundo.

O que pode contribuir para isso é a utilização, por exemplo, de novos materiais de construção, o aproveitamento e consumo de fontes alternativas (como a solar, a eólica). Outros fatores como a reciclagem de materiais, o consumo racional da água, a redução do uso de produtos químicos que contaminam os alimentos, a água, o ar e o solo, além de inúmeras alternativas que tornam o processo do desenvolvimento mais limpo e justo.

3 - O meio ambiente, o Homem e a Sustentabilidade

A situação do meio ambiente no globo nos desafia a preservar os recursos naturais e, ao mesmo tempo, possibilitar um desenvolvimento social justo, permitindo que as sociedades humanas atinjam uma melhor qualidade de vida em todos os aspectos.

A necessidade de consolidar novos modelos de desenvolvimento sustentável no país exige a construção de alternativas de utilização dos recursos, orientada por uma racionalidade ambiental e uma ética da solidariedade.

Deve-se também reconhecer que vivemos numa sociedade na qual é fundamental partir de uma boa formação e de um sólido conhecimento dos complexos problemas e potencialidades ambientais.

Nossa sociedade precisa ser alertada e conscientizada do atual modelo vigente de crescimento que esta afetando o nosso planeta muito mais do que o desejado e muito mais do que lhe é suportado.

Tem-se observado que a destruição da natureza, base da vida, através da contaminação e degradação dos ecossistemas crescem em um ritmo extremamente acelerado e descompassado, motivo pelo qual se torna necessário reduzir os impactos ambientais para a obtenção de um desenvolvimento ecologicamente equilibrado para todo o planeta.

Temos como instrumento para preservação ambiental as leis que regem a forma de agir com o meio ambiente. O fator chave dentro dessa política de preservação é o controle e a fiscalização eficaz dos princípios destruidores de nossa

natureza. Controle que deve ser colocado em prática em um contexto global. O equilíbrio ecológico é a fraternidade, a harmonia, e a relação de causa-e-efeito unindo as diferentes formas de vida nos vários reinos da natureza.

A vida do homem está se tornando cada vez mais complicada e vazia, causando uma série de prejuízos a tudo que o cerca, devido a sua ambição e desrespeito as leis ambientais. Nós influenciemos o ambiente e ele acaba nos afetando, no âmbito social, físico e psicológico.

A preocupação com a preservação de nosso meio ambiente deve ser de todos. A vida de cada pessoa tem conseqüências que se prolongam por muito tempo, e todos nós somos responsáveis pelo futuro das próximas gerações.

A crise ambiental tem mobilizado simultaneamente diversos segmentos da sociedade em busca de um entendimento das causas profundas e das reais dimensões do problema, assim como, de alternativas para a redução da degradação do meio ambiente e seus impactos na qualidade de vida. As pessoas conscientes procuram um modelo capaz de absorver e considerar toda forma de relacionamento que possibilite o desenvolvimento sustentável.

Sendo assim, o documento Ciência & Tecnologia para o Desenvolvimento Sustentável (Consórcio CDS/UnB – Abipti –Brasília, 2000, pág.42), elaborado a pedido do Ministério do Meio Ambiente, é uma iniciativa que visa demonstrar estas dimensões, para que melhor possamos compreendê-las :

- Sustentabilidade social: ancorada no princípio da equidade na distribuição de renda e de bens, no princípio da igualdade de direitos a dignidade humana e no princípio de solidariedade dos laços sociais.

- Sustentabilidade ecológica: ancorada no princípio da solidariedade com o planeta e suas riquezas e com a biosfera que o envolve.

- Sustentabilidade econômica: avaliada a partir da sustentabilidade social propiciada pela organização da vida material.

- Sustentabilidade Espacial: norteadas pelo alcance de uma equanimidade nas relações inter-regionais e na distribuição populacional entre o rural/urbano e o urbano.

- Sustentabilidade político-institucional: que representa um pré-requisito para a continuidade de qualquer curso de ação a longo prazo.

- Sustentabilidade cultural: modulada pelo respeito à afirmação do local, do regional e do nacional, no contexto da padronização imposta pela globalização.

A partir do momento que o ser humano se conscientizar da importância de suas atitudes em prol do equilíbrio da natureza, estaremos construindo um mundo melhor em perfeita sinergia com o planeta. Essa conscientização deve

começar com a participação de todos se tornando um aspecto totalmente influente em todo nosso planeta.

4 - O Homem como ser Insustentável

“Nós devemos ter as mudanças que desejamos ver”.Gandhi.

A condição humana de ser um habitante da terra nos impõe a responsabilidade do desenvolver com sustentabilidade.

Cogita-se minimamente sobre o propósito da vida da fauna e da flora, a menos talvez, que se imagine que ele reside no fato de os animais e as plantas se acharem a serviço do Homem. Fato este, que nos “obriga”, - teoricamente -, a pensarmos e nos questionarmos que caminhos trilhar para a efetivação da sustentabilidade humana no planeta.

O que se questiona é a sustentabilidade do ser, e não a sustentabilidade da natureza, pois ela é em si (aqui fizemos menção a natureza existir sem a intervenção do Homem, ela não depende da nossa “ajuda”), portanto independente e sustentável, o que se quer pensar é a sustentabilidade do ser na Terra, este sim é guiado por sua insustentabilidade.

O Ser pode conhecer o que ele próprio faz, e reconhecer-se neste fazer. Esta capacidade é o processo de concepção subjetiva do ser, em si, e a sua objetivação no modo-de-ser-no-mundo. Que o torna capaz de gerar uma ou a sua realidade.

Esta vem a ser a atitude mais geral e mais geralmente aceita neste momento evolutivo em que se encontra o “desenvolvimento”. Deste modo, o Planeta era, é e será o modo-de-ser-do-homem-no-mundo, esta é sua objetivação do que o ser é e tem em seu subjetivo.

O desenvolvimento sustentável poderia ser visto em muitos outros aspectos, pois há uma enorme gama de conceituações num tempo complexo, sendo ao mesmo modo capaz de tornar todos estes conceitos precários ou incompletos.

Como ver o Desenvolvimento Sustentável? Alguns mais niilistas o veriam como a eternização do sistema capitalista nos moldes consumistas atuais, temos também o entendimento do Desenvolvimento Sustentável como uma forma de sobrevida para logo não mudar a essência desta estrutura chamada sociedade ou ainda concebê-la como uma forma de economizar para manter, ao invés de economizar para mudar.

O que nos é oportuno para este instante de reflexão é o questionar-se em prol ao Ser (apenas ser, pois todos nascem seres, mas poucos morrem humanos), e deste modo como buscar em nossa cultura, momentos históricos de sustentabilidade. Será que em nenhum momento o homem mesmo que de forma inconsciente ou até muitas vezes tendo sim consciência desta preocupação não desenvolveu

de forma sustentável, mesmo que a nomenclatura fosse demonstrada dispare da que estamos hoje estudando?

Neste momento questionar-se é como vasculhar os meandros da história, na busca desta conceituação que muito certamente possa ter existido, e campear na história, um conceito que muitos denominam de “moderno”.

Pensar sobre o Desenvolvimento Sustentável é magnífico, mas pensá-lo requer atenção e uma predisposição sem tamanho, pois teríamos que localizar em que momento histórico deveria ser buscada esta opção de evolução. E deste ponto em diante foram passos para cá, leituras para lá, compreensões acolá, até que “bingo”, temos sim um conceito de sustentabilidade em nossas origens indígenas, pois o índio é o homem que se ligou tão fortemente à natureza que seus deuses e suas crenças partiam e se findavam na natureza.

As ligações destes povos com o meio, com a vida do planeta (mesmo que este planeta fosse concebido de outra forma, mas forma esta dita verdadeira em seu tempo), com o que é natural, e rica, pois nossas formas de sobrevivência mudaram, nossas necessidades ampliaram-se, e tanto, que a nossa “despesa mundial está se esvaziando”. Outro fator: o nosso “mercado esta ficando com os estoques mínimos”, e não preciso mencionar para onde caminhamos.

Muito tem-se a dizer, mas como resolver estes problemas, primeiro porque sabemos para onde estamos indo, sabemos o que queremos, e não sabemos como parar, e se sabemos, quem diz que é inviável?

Sabe-se também que esta destruição do planeta é provável, mas não inevitável, até onde sabemos, e para muitas coisas. Portanto, questionar, refletir, compreender, PENSAR serão e deverão ser as estruturas semânticas mais utilizadas em nossa proposta de Desenvolvimento Sustentável.

A proposta é mudar para melhorar e não mudar para manter, pois a nossa forma de organização social, dita consumista vista em seu aspecto quantitativo não irá diminuir, não irá parar, pois parar é retrocesso e não “progresso” na visão estritamente deles, os senhores do desenvolvimento predatório e destruidor.

Nos prolegomenos deste Desenvolvimento Sustentável volta-se a analisar a tão preocupante finitude do planeta, ou a insustentabilidade humana neste planeta e como se expressa neste texto, é o mundo estar sofrendo com os próprios sofrimentos do ser, pois finito é o que somos em nosso subjetivo (objetivo), portanto é esta a objetivação que o mundo terá, é a nossa insustentável-forma-de-ser-no-mundo.

Nestes moldes, pergunto, onde buscar o fim da história desta civilização? Senão naqueles que já foram exterminados, sim, aqueles povos que de uma maneira ou outra possuíam esta ou aquela forma de sobrevivência no

planeta respeitando os limites da natureza e a sua forma viva de ser.

E esta forma natural de ser, foi buscado no momento histórico de colonização da América do Norte (dentre outras muitas, ficamos com a colonização americana, dita de colônia de povoamento), quando da chegada dos “colonizadores” europeus, que nos séculos que se passaram, efetivaram a exploração, massacre e destruição das aldeias indígenas americanas.

Os relatos que seguem, foram retirados do principal livro que registrou os depoimentos e o massacre dos índios, claro que tivemos em nosso país esta mesma forma de “colonização”, mas é na obra “ENTERREM MEU CORAÇÃO NA CURVA DO RIO”, de DEE BROWN que os índios contam o massacre de sua gente. Foi neste ponto que a nossa triste forma de conceituação do Desenvolvimento Sustentável foi destruída.

“A tal gente pintada que berrava é um povo altivo, nobre, com uma cultura própria; que só entra em guerra defendendo o direito de viver nas terras que sempre foram suas. Contra eles, um dos maiores exércitos da época, armados com as últimas descobertas da tecnologia bélica, para enfrentar mosquetes obsoletos e arcos e flechas”.

É assim que estamos nós hoje lutando como os indígenas americanos, (entendam) que foram exterminados e massacrados, sem poder de luta, sem defesa, e é este o mesmo destino provável de NOSSO MUNDO.

A luta pra a preservação da vida do Mundo é nossa, e esta luta é a nossa luta contra nós mesmos, (Ser). Pois, “Foi o DESENVOLVIMENTO QUE MATOU OS INDIOS”. É o Desenvolvimento que está nos amedrontando agora.

Colombo escreveu à Rainha da Espanha,

“que juro a Vossas Majestades que não há no mundo uma nação melhor. Amam os seus próximos como a si mesmos, e sua conversação é sempre suave e gentil, e acompanhado de sorrisos; embora seja verdade que andam nus, suas maneiras são decentes e elogiáveis.”

Pontos estes que na época foram vistos como fraqueza e espaço de dominação, nada mais nada menos que convencê-los a serem postos a trabalhar, plantar e fazer tudo que é necessário para serem impostos e adotados os nossos costumes.

Nós hoje, Brasil, estamos trabalhando esta complexidade, ou sofrendo por não compreendê-la, pois estamos incorporados e inculturados (dicionário não faz lei), adotando cada vez mais o modo opressor e o explorador modo-de-ser-ocidental-no-mundo.

E dito, esqueçam o Norte X Sul, o Oeste dos derrotados e o Leste dos lutadores, o Desenvolvido X Subdesenvolvido, nem Ocidental X Oriental (ou, o outro ocidental) e muitas outras formas de dizer o mundo, tudo isto é numa visão bem simples de uma “besteira”.

Não vamos aqui eleger culpados ou glorificar senhores, pois de nada adiantará ao mundo. Ele, o mundo, não está preocupado com os nossos problemas, nossas discussões partidárias ou ideológicas, pois o problema é real, e assusta o medroso, amedronta os que pensam, já como diz o ditado “quem deve, teme”, e nós devemos, e muito.

Mas devemos sim, compreender para entender, nesta lógica, resolver esta problemática ambiental em que estamos inseridos, ou em que fomos inseridos sem pensar. Isso é o futuro.

Ser colonizado, ser explorado e destruído foi a realidade mas,

“os europeus que o seguiram destruíram sua vegetação e seus habitantes – homens, animais, pássaros e peixes – e depois de a transformarem em deserto, abandonaram-no”.

Esta citação é sempre atual, pois lida hoje ela se encaixa perfeitamente na forma de desenvolvimento que viemos de encontro.

Podemos ainda nos perguntar, por que este trabalho foi buscar na destruída cultura indígena americana a explicação para a insustentabilidade? Simples, nós destruímos o que era a sustentabilidade, nós destruímos o futuro, lá no passado.

Suas terras foram devastadas, suas florestas destruídas, suas águas poluídas, seu alimento natural exterminado, a desertificação implementou-se, as doenças e muita pólvora foram implantados.

Metaforicamente, “bem ao contrário do que temos hoje”, e o que nos separa são nada mais que uma bela soma de dias.

O colapso é o nosso futuro, e ele não começou hoje, nem ontem, mas há alguns dias atrás. Nossa razão e forma de pensar estão contaminadas com esta cultura explorativa, finita, insustentável e lutamos pela efetivação do Desenvolvimento Sustentável religando saberes, defendendo idéias, lutando pela vida do humano contra esta forma de ser, pois somos poucos que temos o poder de reunir e não só falar, “somos seres humanos”.

Aduzir, que num passado de lutas, destruições, guerras e mortes, que ditar-se-á o futuro, não temos o direito de unir estas palavras, mas tomemos a responsabilidade de no futuro ela vir a unir-se na construção do efetivo e real SER HUMANO.

5 - Conclusão

Desde a infância aprendemos lições sobre o meio ambiente e a preservação ambiental. Muitos questionam, por que meio ambiente? Acaso somos meros observadores e aproveitadores?

A julgar pelos vestígios que deixaram e pelas amostras de humanidade dispersa e degradada, o homem paleolítico

vivia num nível cultural de quase exclusiva e obsessiva preocupação de seu relacionamento com o mundo exterior e inferior. Vivia em luta com o meio, respeitando se utilizando do necessário.

Em certa curva da história, marcada pelo falso humanismo da Renascença e pela Reforma a humanidade passou a admirar-se a si mesma de um modo vertiginoso e idolátrico.

Depois de tão maravilhosas conquistas científicas e técnicas, e pelo fato de se ter inclinado obsessivamente para as coisas inferiores, o homem submete o espírito ao serviço delas. A soberba em concupiscência produz o monstruoso mundo tecnocrático que tem, no movimento da história assim traçado, o mesmo meridiano do homem das cavernas, a mesma submissão ao mundo material, mas em nível fantástica e alucinatoriamente mais elevado.

O que pode frear esta dissolução humana em relação à natureza?

O senso comum e a reta teologia nos advertiam de que tamanho desenvolvimento tecnocrático seria letal para o homem sem o proporcionado desenvolvimento sustentável.

Na marcha acelerada que a tecnocracia imprimiu ao progresso material, a humanidade cada vez mais se dobra e mais se inclina para a terra. Alguns mais alvoroçados não escondem certa impaciência de atingirem o ideal de devastação para crescimento financeiro.

A natureza oferece todas as condições para o homem utilizar e devolver sem a necessidade de apelar para a destruição de sua essência. Este deveria ser o ciclo natural para o equilíbrio de nosso ecossistema.

A ecologia relaciona o homem à natureza e não apenas ao meio físico. A nossa condição deve levar em consideração a preservação dos valores humanos em sua relação direta com a natureza, ou seja, o nosso meio.

Portanto, o principal, a saber, é que o desenvolvimento sustentável só será alcançado quando, por um lado o poder público tiver um maior comprometimento com a natureza, utilizando sua posição para controlar e punir a degradação ambiental, por outro, quando as empresas passarem a elaborar novas estratégias de uso adequado dos recursos para a produção de bens e serviços e, principalmente, ao ser humano, o qual deve ter respeito com a natureza e responsabilidade consigo mesmo e com os demais, para que se garanta um futuro mais igualitário, um mundo mais saudável e seres humanos mais conscientes da sua responsabilidade.

Referências

ALMEIDA, F. 2002. O bom negócio da sustentabilidade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira

Ambiente Brasil. Desenvolvimento Sustentável. Artigo disponível em: <<http://www.ambientebrasil.com.br/composer.php3?base=./gestao/index.html&conteudo=./gestao/artigos/sustentavel.html>> Acesso em: 13 mar. 2006.

BROWN, D. 2003. - Enterrem meu coração no curva do rio. Rio de Janeiro: Editora L&PM.

CAMPOS, L. M. S. SGADA 2001. – Sistema de gestão e avaliação de desempenho ambiental: uma proposta de implementação. Tese. (Doutorado em Engenharia da Produção) Florianópolis: UFSC, Não paginado.

CARVALHO, F. C. 1989. - Fundamentos da Escola Pós-Keynesiana. In Ensaio sobre economia Política Moderna: Teoria e História do Pensamento Econômico. São Paulo, Marco Zero.

DONAIRE, D. 1999. Gestão ambiental na empresa. 2.ed. São Paulo: Atlas,

FURTADO, C. 2004. Os desafios da nova geração. In: Revista de Economia Política. 24, n. 4 (96) outubro-dezembro: 483-486.

STAKE, L. 1991. Lutando por nosso futuro comum. Rio de Janeiro: FGV,

THOMAS, V. Os 3 fatores da sustentabilidade. Disponível em: <http://www.ambientebrasil.com.br/composer.php3?base=./gestao/index.html&conteudo=./gestao/artigos/fatores_sustentabilidade.html> Acesso em: 13 mar. 2006.

VEIGA, J. E. 2005. Desenvolvimento sustentável: o desafio do século XXI. Rio de Janeiro: Garamond,

